

Lendo o Contestado: discursos e construção de sujeitos na bibliografia sobre a Guerra do Contestado – 1915 a 1960

Katiuscia Maria Lazarin*

Resumo

A proposta deste artigo é investigar como e por que os brasileiros – que habitavam a região disputada pelos estados do Paraná e de Santa Catarina desde meados do século XIX até a segunda década do século XX – foram descritos em textos sobre o Contestado, redigidos por dois oficiais do Exército Brasileiro, logo após o seu término, e por dois médicos membros do Instituto Histórico e Geográfico Catarinense, durante a década de 1950. Procurar-se-á, também, identificar qual é o lugar desses textos na prática discursiva que *reinventa a História do Contestado*, durante o século XX, e conforma suas personagens como exemplos a serem ou não seguidos.

Palavras-chave: Contestado. Práticas discursivas. Construção de sujeitos.

Abstract

In this article the proposal is to investigate how and why Brazilians who inhabited the contested region had been described in the texts about Contestado written by two officers of the Brazilian Army after the end of the war, and by two medical members of the *Instituto Histórico e Geográfico Catarinense* (Catarinense Historical and Geographic Institute) during the decade of 1950. Which is the place of these texts in the practical discourses which *recover the History of the Contestado* one during century XX and conforms its personages as examples to be or not followed.

Key words: “Contestado”. Practical of speeches. Construction of subjects.

Entre os anos de 1912 e 1916, para usarmos uma periodização oficial, ocorreu um movimento social que ficou conhecido como a *Guerra do Contestado*. Esse movimento foi assim denominado em razão de a população envolvida estar ocupando uma região – hoje o Planalto Norte, o Vale do Rio do Peixe e o Meio Oeste Catarinense – que, na época, vinha sendo disputada judicialmente pelos estados do Paraná e de Santa Catarina. A Guerra do Contestado, contudo, não foi a deflagração de um combate entre as forças militares dos dois estados pela posse dessa área. Foi, antes, como já mencionado, um movimento social, através do qual a população sertaneja¹ da região rebelou-se contra a ordem vigente, no interior de um complexo contexto político, econômico e social que deu margem às mais variadas leituras e interpretações.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina. Fonte financiadora: CAPES.

A cada nova pesquisa e nova publicação, os protagonistas desse acontecimento são alvo de caracterizações, definições e julgamentos; a cada discurso que os nomeia sempre são criados novos e distintos sujeitos, que resultam de diversas combinações de características escolhidas para descrevê-los. Portanto, analisar os textos escritos sobre a Guerra do Contestado pode indicar de que modo os vários discursos foram construindo distintamente, ao longo do século XX, um sujeito que, não obstante, é considerado único, transcendente e, atualmente, é nomeado como *Homem do Contestado*.²

Nesse sentido, pretende-se, através deste artigo, investigar como e por que os habitantes da região contestada, tanto os que foram viver nos redutos, quanto os que auxiliaram as forças legais a combater os *fanáticos*, foram descritos em textos sobre o Contestado, redigidos na primeira metade do século XX. A intenção desta investigação será perceber quais foram as transformações necessárias no interior da produção dos discursos ao longo desse período. Transformações que levaram ao emprego de determinadas palavras e não de outras, permitiram certo tipo de análise e não outro e a compreensão do conflito e de seus protagonistas através de um ângulo e não de outro.³ Principalmente, perceber quais foram as mudanças que ocorreram e o porquê das mesmas e da permanência de imagens construídas dos brasileiros, nas diferentes noções sobre o conflito no período acima determinado.

Quando se faz referência a *discurso*, ou seja, ao conjunto de enunciados que pertencem a uma mesma formação discursiva, tem-se em mente o que Foucault denomina de *prática discursiva*, entendida como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa”.⁴ Portanto, mais importante que a autoridade do autor é investigar o lugar de onde ele fala. São os discursos que definem o lugar possível dos sujeitos falantes. Sujeitos que, através desses discursos, dessas práticas formulam, constroem outros sujeitos e, por conseguinte, determinam também o lugar desses dentro do espaço social.

Por isso, este artigo é também uma tentativa de discutir a dimensão discursiva da construção de identidades e, conseqüentemente, de considerar os sujeitos como indivíduos perpassados por linguagens. Para tanto, considera-se que qualquer hierarquia, seja racial, de classe ou de gênero, possui uma dimensão lingüística, pois “qualquer arena social está permeada pelas práticas significantes, e qualquer ação política é sempre tomada dentro de um horizonte de significados culturais e interpretações”.⁵ Tais considerações auxiliam na compreensão das fontes analisadas como sistemas de linguagem que funcionam como instrumentos da luta pelo poder de diferentes discursos. Luta que se dá na subjetividade dos indivíduos.⁶ “Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder”.⁷

Durante o levantamento das referidas fontes, foi possível verificar que, com exceção dos textos jornalísticos contemporâneos ao acontecimento em questão e das mensagens de membros do governo nos congressos e câmaras, foram publicados, nos anos que se seguiram, apenas relatórios e narrativas referentes à campanha militar. São relatórios de militares que participaram do combate aos sertanejos, que figuram como a principal referência bibliográfica de estudos posteriores, pois a visão militar sobre o acontecido e seus oponentes serve como ponto de partida das histórias sobre o Contestado.⁸

Apenas em 1952, surge o primeiro estudo considerado relevante, realizado por um não-militar. É o livro do médico Aujor Ávila da Luz, cujo objetivo é apresentar um ensaio de antropossociologia criminal – *Os fanáticos, crimes e aberrações dos nossos caboclos*.⁹ É nesse período, que o tema passa, também, a fazer parte dos interesses de disciplinas como a Sociologia e a Antropologia Social, dando origem a dissertações e teses, sobretudo no interior da Universidade de São Paulo. O estudo pioneiro, nessa fase, é de Maria Isaura Pereira de Queiroz, que defende sua tese, intitulada *La Guerre sainte au Brésil: le mouvement messianique du Contestado*, em 1955, na Universidade de Paris, e publicada em 1957. A autora, ao tratar do que denomina de *guerra santa* no Brasil, procura identificar, numa perspectiva sociológica, os aspectos da cultura popular do Contestado, tentando revelar as crenças mitológicas do imaginário dos sertanejos. Neste estudo, a autora não se refere mais ao acontecido como fenômeno de fanatismo. O messianismo aparece como o fio condutor de sua análise, fato que modifica todo o enfoque sobre o tema. Por isso, optou-se por não abordar o texto acima citado no presente artigo, apesar de ter sido produzido na década de 50. Texto que representa ruptura e leva a uma série de novas considerações que poderão ser melhor aproveitadas quando da continuação da pesquisa e articuladas a outros trabalhos publicados nas décadas de 60 e 70, como os de Maurício Vinhas de Queiroz¹⁰ e Duglas T. Monteiro.¹¹

Há um outro livro que foi escrito na década de 50 e publicado em 1960, intitulado *João Maria: interpretação da campanha do Contestado*.¹² Esse livro é do também médico Oswaldo Rodrigues Cabral e é considerado como um contraponto às análises de Aujor Ávila da Luz. Selecionou-se, assim, para os fins a que se propõe, trabalhar, nesse momento, com os livros dos militares Herculano Teixeira D'Assumpção e Demerval Peixoto e dos médicos Aujor Ávila da Luz e Oswaldo Rodrigues Cabral.

No calor dos acontecimentos – o conhecimento de causa

Para o ideário racionalista, os surtos constantes de fenômenos, considerados frutos do fanatismo, revestem-se de um mistério assustador, representando uma ameaça à ordem social e cujas origens pareciam insondáveis, perdendo-se num horizonte sombrio. Numa tentativa de racionalizar esse temor, torna-se comum a proliferação de discussões em torno da gênese desses fenômenos. Foi o que

aconteceu durante a Primeira República brasileira assombrada por movimentos como Canudos e Contestado. Tornou-se indispensável para os republicanos deslindar tais fenômenos, havendo necessidade de explicar por qual razão movimentos, cujas origens, ao seu ver, perdem-se em épocas remotas, irromperam no mundo civilizado.

Essa preocupação dos racionalistas em estabelecer um ponto de partida para tais fenômenos, em descobrir e estabelecer sua *genesis*, parece representar um esforço, como argumentava Foucault, para

... recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, accidental, sucessivo. Procurar uma tal origem é tentar reencontrar ‘o que era imediatamente’, o ‘aquilo mesmo’ de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por accidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira.¹³

Para os contemporâneos dos conflitos, a origem desses era a ignorância e o fanatismo de certa parcela da população que habitava os distantes sertões brasileiros. O temor republicano de perder o poder muito recentemente adquirido e a fragilidade dos alicerces da nova realidade política eram tais, que se via em tudo uma constante ameaça a sua posição. A forma sincrética de apelo ao sagrado, quando atinge dimensões coletivas e políticas, apavora a elite que lhe atribui o nome de fanatismo, que dominou os relatos dos militares que participaram das ações do Exército na região contestada. Esses relatos são como que diários de guerra, escritos a partir de anotações das impressões dos militares durante a campanha sobre a região e seus habitantes, além dos depoimentos que conseguiam de aliados e prisioneiros. Luís Roberto Soares fala sobre a escola militar na formação das elites dirigentes do país ao apresentar a reedição do livro *Campanha do Contestado*, de Demerval Peixoto, em 1995. Ele acredita tratar-se de narrativa que “revela muito da visão de mundo própria de militares que foram educados dentro da inspiração positivista da Escola Militar do Rio de Janeiro”.¹⁴ Essa escola, criada no início do século XIX, formava as vanguardas e elites dirigentes do país, inegavelmente modernizadoras e que foram de importância fundamental na construção do Estado nacional.

É no interior da tradição militar brasileira, com sua ideologia pautada na doutrina positivista de Comte, que se inserem os textos dos militares que participaram do conflito do Contestado. Imbuídos do ideal nacionalista, suas narrativas visavam a atrair a atenção de políticos e governantes para o problema que era a condição de barbárie da população do interior. O Primeiro Tenente do Exército Herculano Teixeira D’Assumpção defende, por exemplo, que não basta vencer os *bandidos* do sul, pois o mal medrará novamente em tão propício meio, precisando, desse modo, modificá-lo moralmente “com a relativa educação do povo sertanejo”.¹⁵

Herculano D'Assumpção participou do conflito entre os anos de 1914 e 1915, tomando parte na chamada Coluna Sul das forças legais. Quando publica sua obra, em 1918, é membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e membro da Comissão de Arqueologia, Etnografia e Língua dos indígenas. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838, tinha por função definir um projeto de nacionalização do país, além de defender a monarquia e fazer a apologia da centralização e do catolicismo.¹⁶ Seus membros eram, em sua maioria, provenientes da elite que ocupavam altos postos na burocracia estatal e políticos importantes. Com a derrubada da monarquia, apesar da resistência em aceitar o novo governo, com a substituição dos membros mais velhos por outros mais jovens, já educados sob os auspícios do positivismo, a República começou a ser exaltada e o projeto de nação passou a assumir um caráter de exercício de cidadania. Sob a influência do positivismo, os membros do instituto tinham como função maior recolher documentos para que outros, no futuro, pudessem analisá-los. Tudo para evitar que o historiador se envolvesse com questões contemporâneas, objetivando a neutralidade e o distanciamento necessários ao discurso historiográfico.

Essa é a preocupação de D'Assumpção ao procurar, desde o início, legitimar seu relato:

Documentarei o presente trabalho para que bem claro fique, sem possíveis sophismas, que nos sertões do sul [...], habita uma população numerosa, sem o mínimo resquício de sentimento humano... E para dizer verdades tais, preciso apelar, com energia, para a serenidade imparcial de relator, calcando, constringido, no âmago da minha alma de patriota crente e convencido, o orgulho nacional.¹⁷

É sob a máscara dessa declarada imparcialidade que, à medida que as forças recém-chegadas de Niterói seguem pelos caminhos que penetram nos *distantes e isolados sertões* do sul do país, as palavras vão preenchendo páginas do relatório do militar, produzindo uma imagem de cores fortes como que para calar na mente dos leitores, não deixando possibilidade de imaginar nada menos que bandos de semi-bárbaros em choupanas imundas, que parecem mais *furjas para feras* do que habitações para entes humanos. Não faltam palavras, em seu texto, para ajudar o leitor a construir um imaginário sobre essa região e seus habitantes:

Depois de Pouso Redondo, só se encontra, por aquele sertão, a mais desoladora prova do atrazo indígena.

Choupanas de miserável aspecto, cujos moradores eram mulheres desengonçadas, andrajosas, de cabelos arrepiados, hirsutos, em completo desalinho, e de rostos macilentos, nos quaes se estereotyvam os vestígios inilludíveis da desventura; as crianças, nuas, sujas, muito magras, amedrontadas, olhavam-nos por entre as grandes frestas das tristes choças... os homens, madraços habitues, indolentemente recostados nas pedras ou nos barrancos próximos, indiferentes ao aspecto desolador de seu lar, observavam-nos com curiosidade, espreguiçavam-se ao sol e não pensavam no trabalho...(sic).¹⁸

Para ele e sua imparcialidade, os sertanejos nada mais são do que “desorientados por uma crença que ganha o Record (sic) da imbecilidade e da mais crassa ignorância”,¹⁹ são *monstros humanos*, mal-feitores cujas ações são a prova de seu *idiotismo e incontestável estupidez*. Seriam cômicos, não fosse doloroso e confrangesse seu coração dizer essas verdades.

Ao ler o texto de D’Assumpção, fica-se com a mesma impressão de Marli Auras, a qual, ao ler textos sobre o Contestado, afirma que o que fica dessa leitura é a noção de que “os milhares de caboclos que tinham se rebelado nos sertões contestados eram, nada mais nada menos, que um bando de fanáticos a perturbar, criminosamente, a serenidade da ordem pública”.²⁰ Pois era, dessa maneira, que geralmente eram caracterizados. Fica-se com a impressão de ser esse *bando* composto por vários indivíduos semelhantes em seu fanatismo. Suas diferenças são praticamente imperceptíveis e, desses textos, surge um sujeito único, cuja essência era a ignorância e o fanatismo: o *fanático* do Contestado. No entanto, é difícil acreditar que todos os que foram viver nos redutos eram simplesmente *fanáticos* facilmente ludibriados ou mesmo *jagunços e marginais* que povoam as páginas dessa e de outras obras que narram ou analisam a Guerra do Contestado.

A produção de sujeitos abjetos é útil aos propósitos dos mecanismos coercitivos de individualização, e mesmo de isolamento, impostos pelo Estado ao indivíduo, para fins de poder. Para Claudine Haroche,²¹ a língua e a Psicologia são o lugar desses mecanismos individualizantes. O poder torna visível o sujeito, atribui a ele características para melhor controlá-lo e manipulá-lo. A individualização cumpre, assim, seu papel de auxiliar na instituição de identidades, pois segundo Pierre Bourdieu,

[...] a instituição de uma identidade, que tanto pode ser um título de nobreza ou um estigma (“você não passa de um...”) (sic), é a imposição de um nome, isto é, de uma essência social. Instituir, atribuir uma essência, uma competência, é o mesmo que impor um direito de ser que é também um dever ser (ou um dever de ser).²²

Nesse sentido, pode-se também afirmar que “todas as identidades funcionam por meio da exclusão, por meio da construção discursiva de um exterior constitutivo e da produção de sujeitos abjetos e marginais”.²³ Sujeitos que serviam como modelo daquilo que nenhum indivíduo civilizado poderia pensar em ser, pois seus atos não deviam ser repetidos. Foi através da exclusão desses sujeitos que esses discursos acabaram construindo, ao longo do século, identidades catarinenses baseadas em ideais civilizadores e, principalmente, europeus, pois os homens e as mulheres do Contestado foram, antes de tudo, denominados primitivos, ignorantes e desumanos. A medida da incompreensão e do menosprezo das elites com relação aos pobres, que já existia antes da implantação do regime republicano, é o conflito entre a racionalidade e o modo de vida do caboclo, o qual ultrapassa, para Ivonne Gallo, a importância da súbita penetração do capitalismo no sertão.²⁴

LENDO O CONTESTADO: DISCURSOS E CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS
NA BIBLIOGRAFIA SOBRE A GUERRA DO CONTESTADO – 1915 A 1960

Como a não deixar alternativas para outras possíveis constatações, D'Assumpção é taxativo:

É assim no sertão. Os seus homens mais rudes, dominados pela ignorância que gera superstições que muito concorrem para os seus continuados desvários, esses homens são como os boidios: nem sempre provocam a luta, mas quando uma força superior sacode os seus instintos perversos, despertando-os com vigor, então elles evidenciam toda a sua maldade inconcebível, tornando-se inimigos terríveis, sanguinarios, atilados e traiçoeiros.²⁵

É assim no sertão, a mais pura expressão da verdade.

Outro exemplo de literatura dessa época é a do também militar Demerval Peixoto que combateu no Contestado, entre setembro de 1914 e final de 1915. Sua narrativa diferencia-se da de D'Assumpção, na medida em que leva em consideração as relações sociais que marcavam a região e seus habitantes, não ficando apenas na caracterização do conflito como a eterna luta entre o bem e o mal. Para ele:

[...] a região contestada esteve sempre e se eternizará entregue ao despotismo dos chefetes locais, ao desvario de uma sorte inumerável de crimes mal apurados e ao desmando de caudilhos temíveis, homiziados, fora da alçada da justiça das cidades; e tais têm sido os propulsores morais das causas que levaram à rebeldia, como recurso de defesa, os sertanejos ignorantes e expoliados pelos prepotentes.²⁶

Peixoto preocupa-se, desde o início, em esclarecer que uma das características da região era a existência de bandos de *jagunços* e agrupamentos armados, geralmente formados e mantidos por chefetes locais, *coronéis da roça*, preocupados em dilatar suas terras e aumentar suas criações. Além desses interesses, outros fatores contribuíam para a existência desses grupos: desavenças e intrigas alimentadas pela disputa do território entre Santa Catarina e Paraná, e disputas insufladas pelas empresas madeireiras e construtoras de estrada de ferro, as quais mantinham também seus próprios agrupamentos armados acautelando interesses. Essa realidade, segundo o autor, fez com que o sistema de pequenos grupos aguerridos (espalhados pela região com o pretexto de garantir interesses) se propagasse e avolumasse, encontrando-se nisso, em grande parte, “as razões porque aquele modesto acampamento de ‘fanáticos’, desarmados e inofensivos nos pinheirais dos curitibanos ao princípio, depois nos faxinais do Irany, se transformou em valhacouto de bandidos que estavam, por fim, disseminados pela região inteira”.²⁷

No entanto, essa percepção não impediu que Peixoto fosse em busca da gênese do conflito, atribuindo-a, finalmente, ao fanatismo religioso dos sertanejos: “Está ao alcance de todos que têm acompanhado a questão do Contestado que a sua origem fundamental reside realmente no fanatismo”.²⁸ Contudo, no discurso do autor, o *fanatismo* não é associado de modo causal ao conflito e sim como um disfarce habilmente utilizado por espertalhões. Ele

difícilmente confunde os que denomina *jagunços*, *salteadores* e *bandoleiros*, com os *fanáticos* que considera *ingênuos e matutos*, vendo o *fanatismo* como um móvel para o desenvolvimento do banditismo habilidoso:

A politicagem, o banditismo, a rapinagem costumeira, um falado regionalismo, a questão de limites e uma desequilibrada aspiração restauradora das antigas instituições imbutida na cabeça de alguns matutos, ao final, surgiram quase que a um só tempo, abruptamente, e, ocultos nas avançadas do fanatismo que infelizmente ainda lá existe, avassalaram a imensidade do campo.²⁹

A percepção que esse militar teve do cotidiano por ele observado permitiu que, em seu texto, os brasileiros envolvidos na guerra não fossem denominados genericamente de *bandidos* ou *jagunços*. Aos que não o eram só restava serem, então, *matutos fanatizados*. Essa condição explicava o fato de terem formado redutos, indo viver em comunidade, recusando a realidade em que viviam anteriormente. Contudo, quando Peixoto os denomina de *fanáticos*, utiliza essa expressão entre aspas, um indício talvez da possibilidade de considerar a expressão muito forte ou não muito apropriada para nomeá-los. O uso da expressão, mesmo entre aspas, também é um indício de que o autor, apesar de talvez não concordar muito com ela, estava como que preso a um discurso vigente sobre os habitantes do interior do país e nele não encontrava outra denominação que pudesse utilizar.

Portanto, levando em conta ou não a complexidade do panorama político, econômico e social que se apresentava naquela região, naquela época, a tese do fanatismo foi a que sobressaiu nas narrativas dos militares que participaram da luta. Para eles, a causa do conflito foi, antes de tudo, a facilidade dos sertanejos serem fanatizados. Característica que lhes tira a condição de normais, pois suas atitudes não precisam ser profundamente explicadas, já que, imbuídos de uma *crença anormal*, perdem sua humanidade. Transformam-se em monstros que precisam, a todo custo, ser combatidos, sem remorsos ou justificativas.

A década de 50: mestiçagem e marginalidade

Em seu livro sobre a terra catarinense, publicado em 1920, Crispim Mira,³⁰ ao falar brevemente sobre o que chama de *Rebelião Sertaneja*, refere-se a ela como *espetáculo de obscurantismo*, denominação explicada pelo difícil acesso aos sertões brasileiros, deixando clara a oposição e o distanciamento desse fato em relação à sociedade civilizada e culta do litoral, da qual ele fazia parte. É como um breve tópico no interior de alguns poucos livros sobre a terra e a gente catarinense que o conflito aparece durante as três décadas que se seguiram. Não há interesse pelo tema, na academia, na literatura. Apenas silêncio. Desconsiderar, esquecer, mesmo apagar da história esta *mancha*, este *espetáculo de obscurantismo* parece ser a regra seguida, o acordo tácito.

Em 1952, é publicado o livro do médico e também membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHG/SC) Aujor Ávila da Luz. Livro que se constitui num estudo de Psicologia Social. Na apresentação de sua obra, o autor fala de sua identificação com o meio sertanejo onde exerceu a Medicina em Lages e Joaçaba por 17 anos. Sua preocupação é defender o *reavivamento* da história do Contestado contra aqueles que a julgam sem importância em tempos nos quais a bomba atômica é uma ameaça real e constante. As constatações do *atraso da mentalidade humana* em desacordo com o progresso material presente em sua época, para ele, eram motivos suficiente para o estudo do assunto. Este, aliás, era um dos objetivos de seu trabalho: fornecer material de reflexão para os estudiosos da Sociologia e da Criminologia, atrair sua atenção para as circunstâncias que presidiram *a formação e a evolução da sociedade sertaneja*, bem como lembrar às gerações modernas a história dos “*nossos fanáticos*, com seus lances de bravura, que já vai caindo no esquecimento geral...”³¹ (grifo meu).

Apesar dessa alusão à bravura dos *fanáticos*, o autor dedica o livro aos soldados que heroicamente lutaram para limpar essa *mancha* do planalto catarinense. A preocupação de Aujor Ávila da Luz parece ser enquadrar o ocorrido como resultado do desequilíbrio mental de parcela da *sociedade sertaneja*, produzido pelo surto de fanatismo que teria levado as pessoas ao crime. Assim, ao lermos seu livro, formamos uma imagem de pessoas impulsionadas por uma espécie de loucura coletiva tornando-se criminosas. Por isso, o sujeito que sobressai dessa leitura é o *fanático*, um sujeito coletivo, tomado pela loucura. A leitura de textos militares parece ter sido decisiva para esse autor.

A publicação do livro de Aujor Ávila da Luz provocou um ataque de cólera de seu colega Oswaldo Rodrigues Cabral, também médico e membro do IHG/SC. As críticas deste ao livro daquele resultaram em sete artigos que foram publicados no jornal *A Gazeta*, de Florianópolis, entre abril e maio de 1952. Afinal, Luz explorava um tema que Cabral desejava que fosse seu. Segundo Walter Piazza, as críticas de Cabral à obra de Aujor Ávila da Luz encobriam uma disputa por uma única vaga no quadro da Faculdade de Direito em Florianópolis para a cadeira de Medicina Legal.³² A partir de então, Cabral põe-se a escrever *João Maria – interpretação da campanha do Contestado*, o qual será publicado em 1960, pela Editora Nacional de São Paulo.³³

O livro de Oswaldo Rodrigues Cabral precisa, portanto, ser lido pelas lentes dessa disputa intelectual. Como teria sido escrito sem a obra de Aujor Ávila da Luz ninguém saberá. Mas suas palavras foram pesadas e medidas com um propósito: diminuir o valor das palavras do autor de *Os fanáticos*. Ao iniciarmos a leitura de seu texto, fica evidente sua preocupação em caracterizar o que foi escrito anteriormente, criticando os observadores do Contestado por não admitirem ou não terem “a preocupação de procurar a intercorrência de outros fatores, na gênese da luta, que não o religioso”.³⁴

Cabral define seu trabalho como um esforço não só de pesquisa, mas de crítica. Seu desejo ao escrevê-lo era contribuir para a “elucidação de um dos capítulos mais interessantes da nossa evolução histórico-social”.³⁵ Ele reafirma as críticas que fez ao livro de Aujor Ávila da Luz, em artigos publicados no jornal *A Gazeta*, de Florianópolis, em abril de 1952, e é enfaticamente contrário à tese de ser o conflito uma *guerra de fanáticos*, uma conseqüência por si só da ignorância do sertanejo, seduzido facilmente pelo desvio psíquico de um monge. É contrário, sobretudo, à tese de ser o conflito simples conseqüência das *aberrações da religiosidade do sertanejo*, numa clara afirmação contra a obra de Aujor Ávila da Luz. Para Cabral, os contemporâneos da guerra estavam ainda sob a impressão da *obra imperecível* de Euclides da Cunha, o que mantinha as recordações de Canudos bem vivas, sendo fácil perceber no Contestado a repetição exata e completa dos acontecimentos do sertão baiano.

A influência de Euclides da Cunha pode ser facilmente verificada na obra de Aujor Ávila da Luz. Meio século depois, seu texto segue a mesma estrutura ao tratar de temas como a terra e o homem, apresentando as personagens e o cenário para, a partir daí, encenar a peça, embora Luz se diferencie por considerar que no planalto catarinense a história chegou antes do homem. Isso porque, em sua visão, a terra, conhecida desde o primeiro século da *descoberta*, quando da passagem de D. Álvaro Cabeza de Vacca, em 1541, permaneceu por muito tempo despovoada de gente civilizada e só conseguiu estabelecer o homem mais de dois séculos depois. Essa visão revela a sua desconsideração pelos indígenas como povoação e como *homens*, pois, segundo o autor, eles não eram civilizados. Para ele, os índios não têm história e tampouco fazem parte da *nossa* história. Começa aí a exclusão desses sujeitos na tese do autor de *Os fanáticos*. Exclusão que se insere num movimento maior de desconsideração de certos sujeitos na historiografia catarinense e que vai contribuir fundamentalmente para as diversas tentativas de construção de identidades para o Estado.³⁶

Ao descrever o que chama de *nosso caboclo serrano*, Aujor Ávila da Luz chega à conclusão de que, em sua maioria, a população serrana é “uma mistura das três (raças) com predominância da indígena e da branca”,³⁷ deixando bem claro que os indígenas não eram aqueles que habitavam a região do planalto catarinense, ou seja, os Kaingang e os Xokleng. A miscigenação era coisa nada abonadora para essa população, a qual foram sendo adicionados contingentes fugidos, primeiro da revolução republicana rio-grandense, conhecida como Revolução Farroupilha, pelos anos da década de 1840, e, posteriormente, da Revolução Federalista, em 1893, a maioria indesejáveis, que teriam contribuído para formar a “grande malta de desordeiros e criminosos que infestou a região contestada”.³⁸ Com o término da construção da estrada de ferro que ligaria os estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul passando pela região contestada, a maior parte dos trabalhadores permaneceram ali,³⁹ e, segundo Luz, a maior parte

dessa gente era da mais ínfima condição – negros, mulatos, caboclos e brancos degredados –, população que vivia no meio de disputas e intrigas entre chefetes locais, cuja cobiça aumentou com a estrada de ferro.

Cabral não discute a formação da população do planalto catarinense descrita por Aujor Ávila da Luz. Para ele, essa formação também se dera pelo acúmulo de refugiados das lutas partidárias, de fugitivos das perseguições políticas, de criminosos que buscavam abrigo em região onde a justiça não os alcançasse, e de alguns pobres homens, nem criminosos, nem refugiados, antigos moradores esquecidos, homens com suas famílias à procura de terras sem dono onde fixar morada. A esse contingente humano somaram-se trabalhadores da estrada de ferro. Gente espoliada que a concessão de terras para grupos poderosos expulsou. Gente que Oswaldo Rodrigues Cabral denomina de *os párias*.

Se os dois autores concordam sobre esse aspecto, a diferença está na análise que fazem do papel do fanatismo no desenrolar dos fatos. Para Cabral, foi um complexo jogo de fatores que desencadeou o início da guerra. O fanatismo era apenas o cimento:

Em verdade, a gênese dos acontecimentos deploráveis do Contestado alicerça-se em fatores sociais bastante complexos. Começaram de um desajustamento social; teve início por motivo de infundada desconfiança entre dois estados; foi alimentada pela política; e terminou num sacrifício. A religião foi apenas um cimento que uniu aqueles a quem hoje chamaríamos desajustados, que ligou os grupos marginais na defesa comum.⁴⁰

Segundo Aujor Ávila da Luz, o fanatismo religioso era simplesmente uma das causas. Respondendo às críticas de Oswaldo Rodrigues Cabral, ele argumenta que o fanatismo representou 90 % das causas do conflito.⁴¹ Fanatismo que seria resultante do fato de a maior parte da população ser mestiça. O ponto culminante da tese de Luz, portanto, é considerar a mestiçagem como a maior responsável não somente pelos tipos físicos, mas também pela psicologia da população e, por conseguinte, pelo fanatismo religioso, mostrando como

a religiosidade do caboclo é forçosamente um produto de mestiçagem... O catolicismo do português, o animismo do índio e o fetichismo do negro, fundindo-se na alma do caboclo, criaram-lhe uma religiosidade que ainda está na fase de um monoteísmo mal compreendido, muitas vezes deformadas por heresias terríveis e que está impregnada de misticismo estúpido, pronto a descambar para o fanatismo.⁴²

Como já foi visto anteriormente, Aujor Ávila da Luz chama os mestiços de *caboclos*, o que para Cabral é um uso impróprio da expressão, apesar de ele reconhecer já ter incorrido no mesmo erro. Cabral argumenta que o termo é, na sua acepção mais rigorosa e científica, aplicado ao indígena. Em outras situações seu emprego é vulgar, admissível em obras literárias, mas não em trabalhos científicos. Empregar o referido termo é deixar-se influenciar pelo linguajar popular. Essa crítica, na época, colocava em xeque a cientificidade da obra de

Aujor Ávila da Luz e representava o que de mais descredenciador poderia haver. Cabral não poupou esforços em tornar o trabalho de Luz insignificante. E o que fez Cabral, então, para não utilizar o termo *caboclo*? Percorrendo as páginas de seu livro, percebe-se que há um esforço considerável para não se referir a *caboclo*, na tentativa de mostrar, por todos os meios possíveis, que a população que vivia na região contestada era o que se chamaria, na década de 50, de *marginais e desajustados*. Quando precisava de um termo mais genérico, preferia utilizar simplesmente *sertanejos*.

Configura-se, nesse momento, o surgimento de um novo *sujeito* no Contestado: o *marginal*, o *desajustado*. O sujeito, que nas obras dos militares e de Aujor Ávila da Luz é o *fanático*, transforma-se para Cabral em o *desajustado* pertencente a grupos marginais. Para ele, foi a omissão do Estado em relação àquela região que a tornou *homizio de criminalidade* e acabou fornecendo elementos para a marginalidade. O descaso e mesmo a ignorância do poder público estadual frente aos problemas sociais é que teriam sido a causa determinante da Guerra do Contestado. O discurso de Cabral refletia, assim, a preocupação do projeto nacionalista, com seus ideais de civilidade e progresso, que visava, desde o início do século XX, à construção da brasilidade e do sentimento nacional. Em suma, a instituição de uma identidade brasileira, através dos institutos históricos e geográficos estaduais, também serviu de incentivo para a instituição de identidades regionais.

Os discursos forjados sobre o Contestado vão se sobrepondo, reivindicando verdades num jogo de poder que permeia a sociedade na sua relação com os indivíduos. É no meio dessa efervescência discursiva que surgem imagens e sujeitos que servem como base para teses sobre o verdadeiro e fixam exemplos ou não de condutas, mobilizando ações e práticas sociais. Seja como *fanáticos* ou como *marginais e desajustados*, os brasileiros que protagonizaram a Guerra do Contestado acabaram sendo constituídos, nos textos aqui considerados, como modelos, que não devem ser seguidos pelos indivíduos de uma sociedade civilizada que prima pelo progresso. Esses brasileiros aparecem como os sujeitos de discursos normalizadores do Exército e, posteriormente, de teses de criminologia que se utilizam de disciplinas como a Psicologia e a Sociologia para enquadrá-los em seus códigos de normas e condutas sociais. Determinar se são loucos ou criminosos representa excluí-los do convívio social, trancafiando-os em cadeias e manicômios.

Notas

- ¹ Estou considerando, neste trabalho, que a população sertaneja da região era constituída de indivíduos que se denominava na época de caboclos. Essa denominação, aparentemente, exclui os imigrantes europeus e seus descendentes que, em número reduzido, também escolheram viver nas Cidades Santas e foram, juntamente com os caboclos, alvo de preconceitos e julgamentos. Dizia-se que se acaboclizaram. Portanto, utilizo os termos sertanejo e brasileiro numa tentativa de considerar, neste estudo – não importando a etnia – todos os habitantes da região que participaram desse movimento social. O brasileiro a que me refiro aqui não é aquele definido em suas relações com o colono imigrante, e sim todo aquele que nasceu ou escolheu morar neste país. Não queremos um país sem divisões ou preconceitos? Não somos todos brasileiros, mesmo que diferentes?
- ² Em 1984, o então Governador Esperidião Amim escreveu um texto intitulado O homem do Contestado, publicado na edição 00 dos Cadernos da cultura catarinense, da Fundação Catarinense de Cultura. Nele, o Governador, embora reconheça o “mosaico [...] cultural, étnico, econômico”, pergunta-se: quem é catarinense do ponto de vista cultural? E, é com essa preocupação que ele procura mostrar que o “Homem do Contestado é o mais legítimo dos catarinenses”. Amim dizia-se convencido de que este era o “homem típico catarinense”, homem que existiu e foi destruído, tanto física quanto culturalmente. Daí a necessidade urgente de resgatar-lhe a memória, o folclore e a contribuição social. Estava o Governador, nesse momento, tentando fixar uma identidade catarinense. Preocupação que havia deixado explicitada na proposta de governo para a cultura, expressa na Carta dos catarinenses. O governo passa, então, a apoiar e incentivar a produção cultural de tudo que recuperasse e preservasse a memória do homem do Contestado.
- ³ FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: *Microfísica do poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 260.
- ⁴ Idem. *Arqueologia do saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p. 136.
- ⁵ COSTA, Cláudia de Lima. Sujeitos ex/cêntricos: explorando fronteiras das teorias feministas. In: Fazendo Gênero: Seminário de Estudos sobre a Mulher, 1994, Florianópolis. Anais... p. 51.
- ⁶ SCHIMIDT, Simone. *Gênero e história no romance português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 34.
- ⁷ FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina. In: *Microfísica do poder*. Op. cit., 180.
- ⁸ Dentre os inúmeros relatórios, sobressaem-se as narrativas de: Fernando Setembrino de Carvalho, Relatório: a pacificação do Contestado. Rio de Janeiro: Clube Militar, 1916; Crivelaro Marcial, pseudônimo de Demerval Peixoto, A campanha do Contestado: episódios e impressões. Rio de Janeiro: [s.n.], 1916; Herculano Teixeira D’Assumpção, A campanha do Contestado. 2 v. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1918; e, em 1931, é publicada a obra de José Octaviano Pinto Soares, Guerra em sertões brasileiros. Rio de Janeiro: Papelaria Velho.
- ⁹ LUZ, Aujor Ávila da. Os fanáticos, crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- ¹⁰ VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- ¹¹ MONTEIRO, Duglas T. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- ¹² CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *João Maria: interpretação da campanha do Contestado*. São Paulo: Cia. Edit. Nacional, col. “Brasiliana”, v. 310. Na 2. ed., o título é modificado.
- ¹³ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. Op. cit., 17.
- ¹⁴ SOARES, Luís Roberto. Apresentação. In: PEIXOTO, Demerval. *Campanha do Contestado*. v. 1. Curitiba: Fundação Cultural, Farol do Saber, 1995. p. 7.

- ¹⁵ D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. *A campanha do Contestado*. (As operações da Columna Sul). v. 1. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1917. p. II.
- ¹⁶ CALLAR, Claudia Regina. Os institutos históricos: do patronato de D. Pedro II à construção do Tiradentes. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 59-83. 2001.
- ¹⁷ D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. Op. cit., p. I.
- ¹⁸ Idem, ibidem. p. 131.
- ¹⁹ Idem, ibidem.
- ²⁰ AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995. p. 15.
- ²¹ HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: Hucitec, p. 21.
- ²² BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 100.
- ²³ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 129.
- ²⁴ GALLO, Ivone C. D'Avila. *O Contestado, o sonho do milênio igualitário*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. p. 22.
- ²⁵ D'ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. Op. cit., p. 201.
- ²⁶ PEIXOTO, Demerval. Op.cit., p. 18.
- ²⁷ Idem, ibidem. p. 29.
- ²⁸ Idem, ibidem. p. 52.
- ²⁹ Idem, ibidem. p. 58.
- ³⁰ MIRA, Crispim. p. 52.
- ³¹ LUZ, Aujor Ávila da. Op. cit., p. 12.
- ³² PIAZZA, Walter. Posfácio. In: LUZ, Aujor Ávila da. Op. cit., p. 295.
- ³³ Este livro foi republicado em segunda edição no ano de 1979 com outro título: *A campanha do Contestado*.
- ³⁴ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A campanha do Contestado*. 2. ed. rev. Florianópolis: Lunardelli, 1979. p. 5.
- ³⁵ Idem.
- ³⁶ Ver discussão mais detalhada em SERPA, Élio C. A identidade catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 14, n. 20, p. 63-79, 1996.
- ³⁷ LUZ, Aujor Ávila da. p. 69.
- ³⁸ p. 58-60.
- ³⁹ O fato de que maior parte do contingente de trabalhadores seria constituído de homens que teriam vindo dos grandes centros brasileiros vem sendo questionado por historiadores em pesquisas recentes. Um exemplo é o estudo do Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado, na sua tese de doutoramento *Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado 1912-1916*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. Campinas, 2001. p. 135.
- ⁴⁰ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Os fanáticos. *A Gazeta*, Florianópolis, 20 abr. 1952.
- ⁴¹ LUZ, Aujor Ávila da. Erros de uma crítica (ainda os Fanáticos). *O Estado*, Florianópolis, 06 maio 1952. p. 2.
- ⁴² Idem. p. 114.